

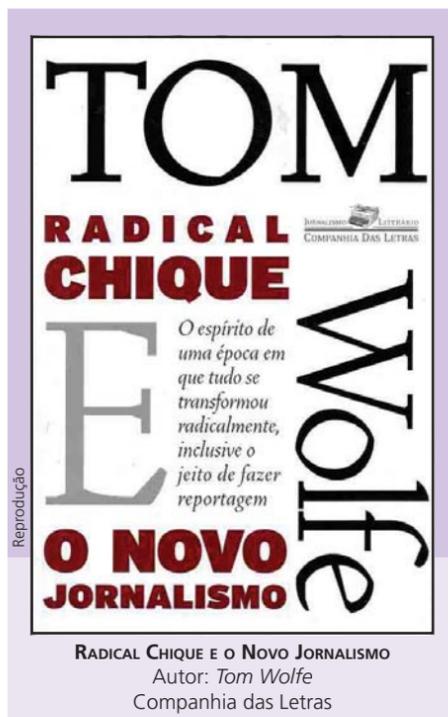
# JORNALISMO ALUCINADO

Por Letícia Naísa

Novo Jornalismo, Jornalismo Literário, narrativas de não-ficção, livros-reportagem, *New Journalism*. Escolha o nome que quiser, pois a técnica é a mesma: infiltrar literatura no modo de fazer reportagem. A década de 60 revolucionou diferentes campos da arte, foi a era da revolta juvenil, dos rebeldes sem causa, do sexo, das drogas e do rock'n'roll, na música, na moda, no cinema. Na literatura não foi diferente. E a tal revolução também aconteceu no campo do jornalismo, transformou- em arte, e é este o tema tratado em 1970 por Tom Wolfe em *Radical Chique* e *o Novo Jornalismo*.

Wolfe começou a trabalhar em jornais depois de receber seu doutorado em 1957 e encontrou seu "mundo real" no *New York Herald Tribune*. Começou a fazer reportagens especiais no jornal aos domingos e depois para a revista *Esquire*, onde tinha mais liberdade e pôde desenvolver seu estilo, mas quando começou "não tinha em mente nada de novo, muito menos algo literário, quando arranjei meu primeiro trabalho em jornal. Eu tinha uma fome voraz e nada natural de outra coisa inteiramente diferente". Com o tempo, ele notou que não era o único que estava aplicando fórmulas literárias em reportagens, outros como Gay Talese, Robert Lipsyte, Michael Mok, Hunter Thompson ou Truman Capote também estavam adotando técnicas diferentes.

*Radical Chique* pode ser dividido em duas partes: na primeira, Tom Wolfe analisa essas técnicas e tenta explicar o que é



este fenômeno do Novo Jornalismo que explodiu nos anos 60, o impacto que causou dentro das redações e a diferença entre essas obras e os romances realistas. A verdade é que escrever um romance era o grande golpe de sorte de muitos jornalistas. Porém o *New Journalism* era mais do que isso, ia além de aprimorar as técnicas de reportagem, "era mais intenso, mais detalhado e sem dúvida mais exigente em termos de tempo do que qualquer outra coisa que repórteres estavam acostumados a fazer". A ideia era dar a descrição completa das cenas, mais aquilo que os leitores procuravam em romances: a vida dos personagens.

A segunda parte inclui três artigos do gênero publicados pelo autor: *O último herói americano*, que relata a história de Junior Johnson, um corredor de stock-car do sudeste dos Estados Unidos, *A Garota do Ano*, um perfil sobre a socialite Baby Jane Holzer, e, por fim, *Radical Chique*, que aborda o problema do racismo fortemente presente nos anos 60 nos EUA através da narrativa do encontro entre a elite branca do país e os ativistas negros dos *Black Panthers*. Todos são carregados de energia, são textos rápidos e de fácil entendimento, apesar da mudança brusca de pontos de vista, é como se estivéssemos lendo a mente das pessoas, uma hora de um observador, outra do protagonista e outra do autor.

O posfácio fica por conta do colunista Joaquim Ferreira dos Santos que classifica o gênero de Jornalismo da Exaustão, pois o jornalista deve pesquisar, entrevistar, estudar e entender do assunto até se cansar, que deve interessar tanto o autor quando o leitor, diferente do "jornalismo bege", sem graça, quadrado e "mastigadinho", seguindo regras aqui e acolá sem nenhuma inovação, muito presente no jornalismo contemporâneo brasileiro. O segredo do sucesso do Novo Jornalismo está na forma livre em que ele se apresenta.



## ALVORECE NA NEBLINA DOS MONTES

Por Guilherme Zocchio

Talvez seja essa a grande hora que temos para realmente mudar o mundo... Pode ser que não também, é claro; mas acredito piamente que, mesmo que dentro de algum tempo nosso movimento não cresça, alguma coisa, não sei o que, vá mudar depois daquela acampada debaixo do viaduto do chá, no vale do Anhangabaú. Somos poucos, pouquíssimos, é verdade. Estamos bem longe de sermos "as massas" do outubro vermelho. Mas conseguimos romper pactos de mediocridade e destruir zonas de conforto. E, aliás, nem de longe, somos só um punhadinho de estudantes –brancos, classe média, berço de ouro– revoltados com o mundo, sem qual nem porquê. Quem esteve no acampamento, por um instante que só, pôde ver moradores de rua, trabalhadores, também estudantes –é claro–, desempregados, uma infinidade de pessoas participando.

"Eu tive dois momentos felizes em minha vida: um quando meu filho nasceu; e outro, agora, quando eu soube dessa revolução", comentou comigo um rapaz, pai de família, que estava acampado, enquanto carregávamos caixas com alguns suprimentos para o dia a dia da empreitada. Não sei se é, de fato, líquido, uma emoção forte e momentânea, o que nos move, como chegou a dizer o sociólogo polonês Zygmunt Bauman sobre os indignados do mundo inteiro, sobre uma felicidade e uma revolta voláteis. Sei que é, e disso tenho certeza, estamos reinventando a política, com um basta às representações, às assembleias manipuladas e viciadas, aos jogos maquiavélicos, às lideranças forjadas... um basta a todas as práticas da velha política! Por isso que não dá para dizer que não é nada, simplesmente; talvez até não seja pos-



© Guilherme Zocchio

sível dizer que é simplesmente líquido, é mais do que isso.

Dormimos ao relento por várias noites, enquanto o aparato policiaisco do estado vigiava, pronto para punir, se iríamos levantar ou não as barracas do acampamento –coisa que uma lei municipal nos proíbe de fazer, é bom lembrar. E o frio do centro de São Paulo à noite é algo inescapável. Mesmo nos dias em que passo por lá e, no crepúsculo, cansado volto para dormir em casa, bate uma sensação de frio, por mais quente que esteja, para não esquecer o frio dessa cidade, o mesmo frio que os moradores de rua, que formaram em peso a comissão de segurança, sentem... É um frio que fica como uma espécie de cicatriz, uma lembrança –não hipotermia–, um quase calor, um toque delicado de tudo o que está acontecendo por lá, do tanto que, uma vez lá, é impossível se livrar do que está acontecendo, por mais frio que, em outro sentido, alguém seja.

E o momento agora é de carregar esse frio, central paulistano ou mundial, no fundo do peito, respirar fundo, e olhar para a frente, para o que eu, você, ele, o que nós podemos fazer, desde já e daqui em diante. Não é pouca a profecia do fim do mundo em 2012; esse fim, me parece, é o fim de um mundo, de um mundo tal qual o conhecemos. Não são poucos, além disso, os que veem o fim do capitalismo com a força das multidões: Negri, Hardt, mesmo Bauman, Wallerstein (que diz que "o capitalismo chegou ao fim da linha") e tantos outros... Assim acredito que agora não é hora de ficar parado. Por mais que, no Brasil, por exemplo, talvez a crise esteja lá fora, as coisas andem bem (nem tanto assim, mas é o que dizem...), uma hora ou outra a nossa peça de dominó cai e, aí, para onde nós vamos? É a hora de exaltar o niilismo em nossos tempos, é a hora e vez do devir revolucionário de cada um.

